

Passivo ambiental é preocupante

SANDRO THADEU

DA REDAÇÃO

O impacto causado na saúde das pessoas pelo descarte irregular de resíduos químicos do Polo Industrial de Cubatão, no passado, é o grande instrumento de convencimento do Ministério Público Federal (MPF) para exigir dos órgãos públicos e, principalmente, das empresas, a reparação de erros que afetam diretamente a vida dos cidadãos.

A manifestação é de um dos maiores especialistas do País no assunto, o professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) e coordenador do Laboratório de Poluição Atmosférica, Paulo Saldiva, sobre a pesquisa intitulada *Estudo Epidemiológico na População Residente na Baixada Santista - Estuário de Santos: Avaliação de Indicadores de Efeito e de Exposição a Contaminantes Ambientais*.

O trabalho foi realizado a pedido do MPF, por meio do procurador da República em Santos Antonio José Donizetti Molina Daloia.

Na visão do docente, a pesquisa é a mais rica sobre poluição ambiental na região que tem conhecimento.

Ela comentou que metais tóxicos e compostos organoclorados ainda estão presentes em poeira, solo e água, bem como



Saldiva diz que estudo pode ser usado para reparar erros do passado

no sangue de moradores de Bertioga, Cubatão, Guarujá e São Vicente.

A exposição a esses materiais é um fator determinante para a ocorrência de leucemia, câncer de mama, doenças respiratórias e hipertensão.

PRESENTE E PASSADO

Para o professor, o controle da poluição na região melhorou muito. No entanto, conforme observou, o passivo ambiental é grande, "fruto das atividades industriais desenvolvidas num período em que não havia legislação específica para destinação de metais e pesticidas".

Conforme Saldiva, as déca-

das de 60 e 70 do século passado as empresas tinham como meta o crescimento a qualquer custo. "Uma realidade totalmente diferente de hoje, 50 anos depois. Foi justamente nessa fase que ocorreu o grande crescimento do polo".

Ele explicou ainda que muitas empresas faliram e o passivo ambiental não ficou sob a responsabilidade de ninguém.

PROBLEMAS CONTINUAM

Para o docente, o efeito da poluição do ar oriundo das chaminés das fábricas ainda é crônico na região, em especial em Cubatão, apesar das tecnologias adotadas pelas indústrias.

Opinião

"A ação dos ventos pode trazer os poluentes a Santos. Talvez por esse motivo a Cidade tenha essa incidência grande de câncer de mama e de outros tipos dependentes de estrógenos ambientais"

"Uma coisa é as empresas pagarem a limpeza. Outra é nós pagarmos a conta dessa sujeira. Esse é o confronto que precisa ser feito, após a constatação dessa pesquisa"

"Um dos destaques do trabalho foi o grande envolvimento de professores e alunos da Baixada Santista, o que demonstra que a pesquisa está crescendo para atender uma demanda local"

Paulo Saldiva, professor da Faculdade de Medicina da USP e coordenador do Laboratório de Saúde Ambiental

Cidades vizinhas também são afetadas, como Santos, devido às correntes de vento.

"No ponto de vista logístico, o fornecimento de água e de energia foi bom para as empresas. Por outro lado, isso dificultou a dispersão, já que o parque industrial está cravado no sopé da Serra do Mar", frisou.

Docente lamenta falta de iniciativas

■ As raras iniciativas das universidades no sentido de atuarem de maneira multidisciplinar na sociedade e a tradução de teses em documentos que possam ser legíveis para os gestores são as razões apontadas pelo professor da USP para o grande distanciamento entre a academia e o poder público.

Para Saldiva, os centros de pesquisas mantidos pelo Estado deveriam ajudar a formular políticas públicas, ou seja,

dar o exemplo no sentido de justificar os investimentos que recebem.

"Na USP, deveríamos estar nos preocupando em estudar as enormes consequências que as mudanças climáticas trarão para São Paulo, como aumento da poluição, das chuvas e da população. Porém, as iniciativas são isoladas", destacou.

Otimista, Saldiva acredita que, a partir de agora, novos estudos acadêmicos serão reali-

zados na Baixada Santista para investigar com mais profundidade as consequências da poluição ambiental para a saúde dos moradores.

"Entendo que a região tem dinheiro e uma demanda maior por estudos ambientais, devido a novos investimentos. Embora a saúde humana esteja nos estudos de impacto ambiental, ela é feita de uma forma superficial, na minha visão. A pesquisa mos-

tra que dá para fazer algo muito melhor", disse.

O professor da USP acredita que um bom exemplo foi dado pela Universidade Católica de Santos, que coordenou o levantamento, ao conseguir mobilizar outros docentes e alunos. "Fora de São Paulo, não conheço nenhuma região do Brasil que tenha feito um trabalho tão legal e abrangente sobre poluição como esse", concluiu.